

Ambientalizando a Escrita da História

A large, stylized graphic of a tree with thick, dark grey branches and rounded, light grey foliage, positioned on the right side of the page.

Diogo de Carvalho Cabral¹

BOOK REVIEW

Rohland, Eleonora. *Historia Entrelazada y el Medio Ambiente: Transformaciones Socioambientales en el Caribe, 1492-1800*. Bielefeld: Kipu-Verlag, 2020. 81p.

¹ Ph.D. in Geography (Rio de Janeiro Federal University, Brazil). Assistant Professor in Environmental History, Department of History, Trinity College Dublin, Ireland. ORCID: 0000-0002-2415-4675. e-mail: decarvad@tcd.ie.

O significado da assim chamada “História Ambiental” é contestado desde o nascimento dessa corrente de escrita da história. Seria ela uma subdisciplina com problemas próprios, comparável, portanto, à História Política, à História Econômica, à História Social? Ou seria ela uma nova abordagem aos problemas já colocados pelas subdisciplinas mencionadas? Há aqueles que, entendendo-a como subdivisão formal do conhecimento histórico, cobram maior refinamento conceitual de seu objeto, enquanto outros argumentam que ela é – e deve permanecer como – um mero arquipélago de assuntos, teorias e métodos variados,² ainda que ligados por uma certa “estrutura de sentimento”, para usar uma expressão de Raymond Williams.

O autor destas linhas tende a apoiar esta última posição. “História Ambiental” me parece ser um rótulo que se usa, ao longo de um vasto arquipélago acadêmico, para evocar uma visão de mundo fundamentada em três assunções sobre o domínio biofísico, a saber: (1) ele é real, embora não seja imediatamente cognoscível (em algumas versões mais extremadas, nas humanidades, isso se aproxima de posições pós-modernas); (2) ele muda endogenamente ao longo do tempo, embora não segundo os mesmos mecanismos, nem no mesmo ritmo do domínio humano; (3) ele se imiscui à história humana – ajudando a constituir as dinâmicas políticas, econômicas, culturais – embora mantendo certa autonomia ontológica. Todos os trabalhos que se apresentam como “histórias ambientais” – desde as análises palinológicas sobre mudança vegetacional até os estudos literários sobre representações da natureza – comungam dessas premissas, mesmo que às vezes de maneira implícita ou parcial. Todavia, não resta dúvida de que a maioria dos integrantes da comunidade de historiadores profissionais não compartilha dessa visão de mundo. O *mainstream* da escrita da história permanece abordando a terra como mero palco dos dramas humanos, de forma que os temas ambientais continuam sendo, geralmente, um adendo àquelas narrativas centrais.³

O livro *Historia Entrelazada y el Medio Ambiente: Transformaciones Socioambientales en el Caribe, 1492-1800* é uma importante contribuição para esta

² Ver o debate entre Grégory Quenet e Sverker Sörlin, ‘Environmental history’, in Peter Burke & Marek Tamm (Org.), *Debating New Approaches to History* (London and New York: Bloomsbury Academic, 2018), p. 75-100.

³ A despeito de avanços importantes como o livro de Geoffrey Parker, *Global Crisis: War, Climate Change & Catastrophe in the Seventeenth Century* (New Haven: Yale University Press, 2013).

discussão. Sua autora, Eleonora Rohland, professora de História Emaranhada nas Américas e diretora do Centro de Estudos Interamericanos (CIAS) da Universidade de Bielefeld (Alemanha), partiu da necessidade de “normalizar” a História Ambiental, ou seja, incorporar os temas ambientais dentro da história dita “normal” (política, econômica, etc.). Desta forma, secas, furacões, erosão de solos, infestação de insetos e outros fenômenos não-humanos seriam tratados como parte integral do fluxo de acontecimentos que chamamos “História”, e não como episódios e circunstâncias externas e excepcionais. Como alcançar esse objetivo? Para Rohland, a resposta está numa abordagem que enfoque os *entrelazados* socioambientais coloniais e as práticas de comparação. O primeiro conceito – que a autora reconhece ser “poco teórico”,⁴ mas de cuja elaboração ela infelizmente não se ocupa muito – está vinculado às relações entre certos “fatores”, a saber: o poder político, a migração, o comércio e o conhecimento. O segundo conceito diz respeito às formas pelas quais os colonizadores europeus avançaram em seus projetos ao tornar inteligíveis (discursivamente ou não) as paisagens e situações que encontravam pelo caminho por meio do cotejo com paisagens e situações do Velho Mundo.

O corpo do livro é composto por dois capítulos de discussão empírica sobre o Caribe colonial. No primeiro capítulo, Rohland aborda um episódio de fome que teve lugar na ilha de Hispaniola entre 1494 e 1496, quando na segunda viagem de Cristóvão Colombo. Rohland lança a hipótese de que, diferentemente do que reivindicaram os espanhóis à época, atribuindo a fome que matou cerca de metade de seu grupo ao ardil indígena, a crise teve um importante componente climático. Ela reúne evidências da literatura científica que, encontrando algum eco nas fontes escritas, sugerem que aqueles anos foram de prolongada seca. Rohland relaciona, por exemplo, um relato de Pedro Mártir de Anghiera sobre um furacão ocorrido em 1494 com o fenômeno climático conhecido como La Niña, que resfria as temperaturas superficiais do Pacífico à altura da costa peruana. Análises a partir de modelagem de dados paleoclimáticos apontam para uma fase multianual da La Niña entre 1492 e 1495. Esse tipo de “consiliência” (ou seja, o cruzamento de fontes escritas com os chamados “arquivos naturais”) tem sido a base da história climatológica de vanguarda nos

⁴ Eleonora Rohland, *Historia Entrelazada y el Medio Ambiente: Transformaciones Socioambientales en el Caribe, 1492-1800* (Bielefeld: Kipu-Verlag, 2020), p. 7.

últimos vinte anos, mas ainda encontra certa dificuldade para ser aceito na historiografia *mainstream*, sobretudo aquela dedicada à era moderna.

Analicamente, Rohland é muito convincente: suas referências científicas são vastas, atualizadas, e competentemente interpretadas no cotejo com as fontes escritas. *Narrativamente*, contudo, segundo meu ponto de vista, ela não consegue avançar numa dimensão crucial. Refiro-me ao desafio representado pelos solavancos criados por dois regimes epistêmico-discursivos conflitantes: um associado à narração e análise das ações humanas, mais “leve” porque mais empático, já que ancorado em experiência textualizada; e outro associado à análise dos eventos biofísicos, mais “duro” porque mais abstrato, baseado em técnicas e raciocínios especializados que nem sempre podem emergir na superfície do texto. A questão que se coloca, importantíssima para a “normalização” das questões ambientais dentro da historiografia, é a seguinte: como é que nós enredamos esses dois fios discursivos – o intelectual/cultural e o biofísico/científico – num mesmo relato sem emendas? Porque a atratividade da história (como gênero literário) reside, exatamente, na narrativa, e esta é reconhecidamente difícil de ser aplicada ao mundo não-humano. Ainda precisamos de muita experimentação aqui, e estimo que um diálogo mais estreito com as Humanidades Ambientais – sobretudo com aqueles trabalhos mais ligados à crítica literária e à narratologia – possa ajudar.

O segundo capítulo do livro enfoca um tropo discursivo muito comum na época colonial, o de que os africanos eram mais bem adaptados ao trabalho nas ecologias tropicais do que os europeus – o que justificava sua escravização. Aqui, há um movimento pendular: enquanto o primeiro capítulo se concentra nos aspectos biofísicos, este segundo coloca em relevo os aspectos intelectuais e culturais. A autora reconhece isso, assegurando ao leitor, contudo, que manterá “un pie en el mundo material.”⁵ Não estou certo que ela tenha conseguido, pelo menos não se o significado de “mundo material” tiver permanecido o mesmo daquele do capítulo anterior. Não se vê qualquer sinal de forças não-humanas em movimento, apenas símbolos – “calor”, “umidade”, “raça”, “trópicos” – sendo manipulados política e ideologicamente. Embora critique os “enfoques culturalistas,”⁶ a verdade é que Rohland não consegue se

⁵ Rohland, *Historia Entrelazada*, p. 39.

⁶ Rohland, *Historia Entrelazada*, p. 55.

distanciar muito deles: ela parece se esforçar em evitar que as elaborações simbólicas que analisa se contaminem com as coisas materiais do mundo biofísico. Devemos sempre lembrar que qualquer “construção cultural” se ampara em pelo menos alguns elementos tangíveis da paisagem, do contrário sua eficácia política é pequena ou nula. Os constructos não deixam de ser culturais e ideológicos por causa disso, assim como os fatores biofísicos tampouco deixam de ser reais.

Considere-se, por exemplo, a ideia dos trópicos como região insalubre para os europeus: havia pelo menos alguns elementos ambientais não-humanos que concretamente dificultavam a residência dos colonizadores, a saber, algumas doenças. Sabe-se que a doença do sono, a malária e a febre amarela, por exemplo, eram, sim, causa de muitas mortes entre os europeus em certas regiões da África. Em artigo clássico que analisa a imagem da África Ocidental como o “cemitério do homem branco”, Philip Curtin argumentou que, embora grande parte dela fosse falsa, ela não havia surgido “apenas da imaginação. Em sua versão britânica, baseou-se em fatos – fatos mal compreendidos na África, relatados ‘em casa’ e repetidos por várias gerações.”⁷ Transferidos para o Novo Mundo, os complexos patogênicos da febre amarela e da malária acabaram transformando-se em proteção dos assentamentos autóctones contra invasores. Analisada por John McNeill, essa dinâmica biogeopolítica se baseou no fato de que, qualquer que seja o estoque genético, as pessoas nascidas em ambientes de febre amarela e malária endêmicas tornam-se imunizadas ou pelo menos mais resistentes a essas doenças após contraí-las na infância.⁸ Para ser completamente bem-sucedida em seu projeto, Rohland precisaria mostrar como os “fatores ambientais” transitaram entre as esferas material e discursiva da realidade, misturando e costurando esses domínios num mesmo tecido experiencial.

Seja como for, *Historia Entrelazada y el Medio Ambiente* é, sem dúvida, uma tentativa engenhosa de construir uma abordagem socioambiental “por dentro” da historiografia *mainstream*, por assim dizer. O livro fornece pistas fundamentais para aqueles que procuram ambientalizar a escrita da história, mais do que construir uma nova subdisciplina – algo que sempre pode degenerar em modismos estéreis. A escrita

⁷ Philip D. Curtin, ‘The white man’s grave’: Image and Reality, 1780-1850, *Journal of British Studies* 1(1), 1961, p. 94.

⁸ John R. McNeill, *Mosquito Empires: Ecology and War in the Greater Caribbean, 1620-1914* (Cambridge: Cambridge University Press, 2010).

da história que precisamos hoje, mais do que nunca, é do tipo que engaja e conecta, e neste sentido o livro de Rohland não poderia ser mais oportuno.

REFERÊNCIAS

CURTIN, Philip D. 'The white man's grave': Image and Reality, 1780-1850, *Journal of British Studies* 1(1), 1961, p. 94-110.

McNEILL, John R. *Mosquito Empires: Ecology and War in the Greater Caribbean, 1620-1914* (Cambridge: Cambridge University Press, 2010).

PARKER, Geoffrey. *Global Crisis: War, Climate Change & Catastrophe in the Seventeenth Century* (New Haven: Yale University Press, 2013).

QUENET, Grégory; Sörlin, Sverker. Environmental history. In: Burke, Peter; Tamm, Marek (Org.). *Debating New Approaches to History* (London and New York: Bloomsbury Academic, 2018), p. 75-100.

Received: 20/11/2021
Approved: 28/11/2021